

ESCRITORES DE BLOGS*: a *web* como espaço de criação e discussão sobre literatura

Adriana Dória Matos
Universidade Católica de Pernambuco
adrianadoria@uol.com.br

Saturday, October 25, 2008

blog é uma merda. se você não escreve no blog, te mandam emails reclamando do abandono. se está se sentindo mal e escreve no blog, te escrevem reclamando que você reclamou. se você está feliz e escreve no blog, te acusam de só falar de si mesmo. se você cansou de ficar reclamando e ficando feliz publicamente porque causa muito furor e foi trabalhar, dizem que você está negligenciando seus importantíssimos leitores. então você publica um trecho de seu novo livro no blog e ele VIRA UM LIVRO DE BLOG. se você escreveu uma crônica e publicou no blog, ela vira um TEXTO DE BLOG. se você escreve um conto ficcional, ele vira um FATO CUSPIDO E NARRADO EM UM BLOG. depois ainda perguntam por que eu canso. mas aí fico com uma saudadinha de poder publicar a qualquer momento e faço um blog qualquer escondido. leva um tempo até descobrirem e é legal. depois, quando descobrem e começam a achar que o meu email é um SAC, é hora de acabar.
(Clara Averbuck, Adeus Lounge)

Uma pergunta que comumente permeia a chegada de novas tecnologias e linguagens ao contexto da arte é justamente se ‘aquilo’ é arte. Assim ocorreu com a fotografia, o cinema e, mais recentemente, com as manifestações contemporâneas em artes plásticas — como a arte conceitual, as instalações, a *land art*, as performances e a *web art*— tornando mesmo o uso do termo ‘plásticas’ inadequado. Além de questionar a técnica, o público também se indaga quanto ao conteúdo: criar objetos artísticos usando códigos incomuns provoca estranhamentos e polêmicas.

Esse tipo de estranhamento não chega a ocorrer em relação aos blogs, não apenas por não terem sido alçados à categoria artística, provavelmente por seu conteúdo majoritariamente prosaico, e pela atitude quase sempre despretensiosa de seus autores. Entretanto, na medida em que estes espaços virtuais de comunicação ganham maior visibilidade, com um público heterogêneo acessando conteúdos artísticos existentes neles, é possível reconhecê-los como

* Este trabalho foi escrito em julho de 2005, pela observação de produção literária na Internet, tendo como corpus o portal eletrônico www.wunderblogs.com e sua versão em livro Wunderblogs.com, publicado em 2004, pela então nova editora Barracuda. À época, eram 11 autores participantes do coletivo. Nos três anos que separam a produção do trabalho e a revisão empreendida agora, em 2008, para publicação em livro, diversas foram as mudanças na blogosfera, que se expandiu, moveu, popularizou. Nesse intervalo, assim como outros endereços citados, o coletivo Wunderblogs deixou de existir, tendo seus integrantes se pulverizado pelo ambiente virtual ou simplesmente deixado de nele atuar. O que permanece online do www.wunderblogs.com são arquivos e links para os atuais endereços de alguns dos antigos integrantes.

alternativas a suportes hoje tidos como legitimadores da arte, como espaços expositivos (museus, galerias, cinemas, teatros) e produtos editoriais (livros, revistas).

Mas é preciso enxergar distinções nos espaços virtuais de comunicação. Diferentes de homepages e sites institucionais, corporativas e comerciais, mais formais, os blogs se assemelham às salas de discussão e comunidades virtuais, pelo seu caráter subjetivo e relacional. A liberdade aparentemente dominante nestes espaços e certa garantia de visibilidade permitem aos criadores usá-los como lugar de experimentação. Ali são criados, comentados e distribuídos conteúdos artísticos.

Nosso argumento é de que existe produção literária na web — e não apenas transportada para este ambiente — e que os blogs podem ser vistos tanto como ‘cadernos de exercício’ quanto como plataformas editoriais para escritores, que muito provavelmente não teriam onde mostrar o que estão produzindo, trocar idéias e experiências com outros autores e leitores, se não existisse o ciberespaço. Também, que nele a relação estabelecida entre autor, obra e leitor se dá de forma direta e (quase sempre) instantânea. O intermediário entre estes agentes é a plataforma volátil da rede de computadores (a *world wide web*), que se pode constituir num primeiro passo a investidas mais sólidas — como projetos editoriais futuros — ou num lugar de trocas efêmeras e informais — como comentários diários aos seus conteúdos.

Weblog, blog ou blogue é página na Internet na qual o usuário tem autonomia para inserir informações que lhe convierem, excetuando-se aquelas consideradas criminosas. Seu formato é o de um diário ou carta aberta e o blogueiro pode *postar* (palavra originada no verbo inglês *to post*, significando enviar, editar) novos conteúdos a qualquer momento. A cada atualização, ficam registradas em rodapé a data e a hora, em ordem cronológica decrescente (da mais recente à mais antiga) e todos os *posts* contam com espaço para comentários de leitores.

Um blog pode ser individual ou coletivo. Para criá-lo, o blogueiro conta com ferramentas disponíveis em endereços eletrônicos que auxiliam na publicação, manutenção e interconexão entre seus agentes. O início deste fenômeno mundial, desencadeado nos EUA, aconteceu em 1999, quando foi criado o site Blogger.

Os textos dos blogs podem ser curtos, longos, fragmentados, seqüenciais; acompanhados de fotos, ilustrações, áudios, vídeos; podem discutir cotidiano, notícias jornalísticas, meio artístico, política, sociedade, cultura de massa, ciências, esportes. Também podem ser confessionais (autobiográficos), reflexivos, humorísticos, artísticos e literários. Muitos blogs abarcam todos estes conteúdos. Interatividade é condição de existir deste ambiente, no qual são sugeridos acessos a outros blogs, em colunas de links (hipertextos). Visitando várias páginas, o leitor acaba se familiarizando com o estilo de seus autores, temáticas recorrentes, traços geracionais e propostas editoriais, assim como acontece nos livros impressos.

Emissão e recepção incessantes

Uma escrita informal, espontânea, rápida e direta caracteriza este ambiente virtual. Os blogueiros formam comunidades cujo epíteto 'espaço sem fronteiras geográficas' não é mera retórica, sendo apropriado o uso do termo blogosfera para se referir a este universo e sua amplitude de alcance. Tomando como partida o número de usuários de internet neste início de século XXI no Brasil, vemos que há um constante aumento de permanência de indivíduos conectados à rede. Pesquisa divulgada em 22 de julho de 2005 pelo servidor UOL, intitulada *Brasileiros batem recorde mundial de tempo na web*, mostrava o alcance obtido por estas comunidades:

Os usuários residenciais de Internet no Brasil navegaram, em média, 16 horas e 54 minutos na Internet no mês de junho, maior tempo registrado no mundo, informou o Ibope NetRatings. [...] O País ficou à frente da França, com 15 horas e 40 minutos em média, do Japão (15h e 35 minutos), dos Estados Unidos (14 horas e 46 minutos) e da Espanha (14 horas e 46 minutos). [...] O destaque para o mês, segundo Alexandre Magalhães, coordenador de análise do Ibope/NetRatings, foi a categoria "Portais, Buscadores e Comunidades", que alcançou 88,7% dos usuários domésticos. [...] O número de internautas residenciais no mês de junho chegou a 11,55 milhões, contra 11,52 milhões registrados em maio. As medições do Ibope são feitas em 11 países desde setembro de 2000.

Menos de dois anos depois, em 23 de janeiro de 2007, o mesmo UOL informava que o país batia recorde de navegação residencial pela oitava vez consecutiva, destacando que, de acordo com o Ibope, em dezembro de 2006, 14,4 milhões de brasileiros navegaram em média 21 horas e 39 minutos em casa. Do que deduzimos parte da população passar quase o dia inteiro conectada à internet, mesmo levando em consideração o fato de a banda larga facilitar a conexão, podendo não significar o resultado da pesquisa 21 horas de uso ininterrupto.

A mesma pesquisa apontou que os internautas brasileiros superaram novamente em conectividade a França (18h41min), os Estados Unidos (18h05min) e a Austrália (17h41min), que ficou quase empatada com o Japão (17h40min). Os principais interesses dos brasileiros na internet continuaram sendo buscadores, portais e comunidades.

No que diz respeito ao número de indivíduos que transitam pela blogosfera, é possível afirmar que ela está se tornando tão populosa quanto o espaço real. Milhões de pessoas visitam diariamente os mais variados blogs. Em 2006, o site norte-americano Technorati, que monitora a rede mundial de computadores, apresentava dados relevantes sobre a blogosfera, entre os quais os de que existem mais de 40 milhões de blogs em todo o mundo e que todo dia são criados cerca de 75 mil novos blogs. De acordo com a pesquisa, no Brasil, 43% dos internautas lêem blogs regularmente.

A conexão massiva de indivíduos à Internet (observe que o Brasil é o único país em desenvolvimento dos referidos pela pesquisa) aponta para um evidente enclausuramento

doméstico. Significa que boa parte dessas pessoas está abrindo mão de outras atividades para se dedicar à troca de informações online, alterando sua relação com o outro e com o mundo. A mudança de comportamento provocada pela Internet traz resultados complexos, ainda não totalmente diagnosticados, que inquietam observadores sociais. No artigo *A Luta Virtual Continua* (FSP, 08/03/2004), o escritor e jornalista Nelson Ascher registra a capacidade crescente de a blogosfera influenciar a opinião pública:

Infiltrando-se pelas frestas da grande imprensa e da mídia eletrônica, a blogosfera tem não apenas se consolidado como também exercido, em particular nos Estados Unidos, uma influência decisiva no clima de opinião.

O que está acontecendo nesses casos é aquilo que hegelianos e marxistas caracterizam como a transformação da quantidade em qualidade. Alguns milhares, ou mesmo dezenas de milhares, de computadores pessoais interconectados não querem dizer muita coisa. Uma vez que se passe à casa das dezenas ou centenas de milhões, que sua velocidade aumente e os custos sejam reduzidos, tudo muda de figura. Os links a outros blogs e as incontáveis fontes de informação produzem um efeito cascata, pois, se no material impresso referências assim se reduzem a incômodas notas de rodapé, no ambiente virtual elas se transmutam em atalhos que conduzem a novos atalhos, permitindo aos navegantes personalizarem seus roteiros de leitura.

Além do mais, enquanto na imprensa tradicional a seção de cartas dos leitores é um minúsculo apêndice, a blogosfera desempenha um papel semelhante, só que com as dimensões de um dilúvio cujas águas interativas terminarão arrastando quem ignore a metamorfose democratizante, inclusive a do espaço reservado às opiniões. Não é à toa, portanto, que, quer à esquerda, quer à direita, sobram pessoas reclamando de que a internet é excessivamente anárquica e desregulamentada.

Se, na imprensa, os espaços para notícia e opinião estão cada vez mais resumidos e as informações publicadas pelas grandes empresas de comunicação são alvo de acusações de excessiva manipulação de conteúdo, no setor editorial, o que ocorre é uma limitação à publicação de livros de autores já consagrados ou mesmo de iniciantes que tenham credenciais e influência (participações em concursos literários, formação acadêmica, contatos profissionais, poder econômico, apadrinhamentos, entre outros). Para quem exerce a crítica literária, os espaços consolidados (revistas acadêmicas, institucionais ou comerciais especializadas em resenhas e críticas, bem como os fóruns de discussão instituídos) também são limitados e mesmo as publicações chamadas 'alternativas' possuem elenco fechado de colaboradores.

Neste contexto de saturação, a blogosfera constitui-se em espaço aberto, um viável 'faça-você-mesmo', desde que o interessado tenha acesso a computador com conexão à Internet e que, a princípio, não intencione lucrar com a empreitada, pois, assim como o experimentalismo, a pouca rentabilidade ainda caracteriza este ambiente. Além do objeto aqui estudado, o portal wunderblogs.com, há casos interessantes de como o uso do blog pode resultar em interação com outras mídias e na ampliação de leitores. Os casos dos escritores Clarah Averbuck (RS) e Wagner Campelo (RJ) são exemplos disto.

Entre 2002 e 2005, a jornalista gaúcha Clarah Averbuck manteve o weblog <http://brazileirapreta.blogspot.com>, diário eletrônico de caráter autobiográfico. Os textos por ela

publicados chamaram a atenção de editores, que publicaram dois livros de sua autoria: *Máquina de Pinball* (Conrad, 2002) e *Vida de Gato* (Planeta, 2004). Hoje o Brasileira Preta está desativado, e Averbuck 'bloga' no Adeus Lounge. Ela continua a ser convidada a participar de projetos editoriais e de outros, tendo o seu *Máquina de Pinball* servido como base ao longa-metragem *Nome Próprio* (2008), dirigido por Murilo Salles.

O blog do carioca Wagner Campelo (www.quaseescritor.blogspot.com.br), atualmente fora do ar, anunciava pelo título as ambições literárias do autor. Em sua página, ele publicou contos e fragmentos de histórias, no formato dos folhetins do século XIX. Em 2005, ele acabara de ter um trabalho incluído na coletânea *Contos do Rio* (Bom Texto, 2005), resultado de sua participação no primeiro concurso literário promovido pelo caderno de resenhas Prosa & Verso, do jornal O Globo. Em texto postado no dia 19 de julho daquele ano, Waqner Campelo fazia o que chamou de Balanço (ou quase) da sua atuação 'blogueira':

Ontem fez um ano que este blog está no ar. Curiosamente, a impressão que tenho é de que ele existe há bem mais que isso. Algumas coisas mudaram nesse período de tempo (eu inclusive), mas até hoje não sei muito bem qual a real finalidade deste espaço preenchido com minhas idéias e alguns textos criados por mim. "Divulgação", imaginei a princípio: mas divulgar-me para quê?, para quem? Ainda não descobri. O que sei é que meu blog — por mais relegado que esteja ultimamente — de alguma forma me simboliza no mundo em que vivo. E se, como indivíduo, tenho direito a ocupar um lugar neste estranho planeta confuso, nada mais justo que essa representação também se dê no mundo virtual. No fundo, não vejo um objetivo que vá além disso: mera demarcação de território. Uma bobagem, sem dúvida, mas uma bobagem que me pertence e na qual tenho liberdade de expor o que bem quiser. [...] Desconheço quase que totalmente a maioria dos que visitam este blog. Muitos "conheci e conheço" ainda apenas virtualmente; outros, que não comentam, não tenho como saber quem são, mesmo que virtualmente (embora desconfie de alguns). Mas sei que tenho um certo "público" — o que às vezes me deixa espantado. Quem serão os anônimos que aparecem por aqui silenciosamente? O que será que descobriram em minhas palavras que os faz voltar de vez em quando? Curioso... aí está algo que eu gostaria muito de saber.

As informações até aqui reunidas apontam para o crescimento avassalador do ambiente virtual, no qual se proliferam blogs que surgem e desaparecem na proporção do descompromisso que lhes é peculiar. Também se observa a desregulamentação promovida pelo desenvolvimento das tecnologias digitais, que possibilitam o uso diversificado do ambiente virtual, em que há um estímulo à experimentação, às manifestações individuais e não-institucionais, promovidas a baixo custo, graças à disponibilidade de ferramentas auto-explicativas, como no caso do Blogger, que permite ao internauta criar sua própria página, nem mesmo necessitando para isso dominar linguagens de programação.

Em junho de 2003, o jornal português Diário de Notícias publicou o artigo *Notícias da Blogosfera*, em que o blogueiro Paulo Querido catalogava os mais variados tipos de blogs que, naturalmente, expressam tendências, necessidades e estilos heterogêneos:

Há, literalmente, blogues para todos os gostos: humorísticos, regionalistas, bibliófilos, de arquitetura, futebolísticos, eróticos, religiosos, gastronômicos, apócrifos, acadêmicos, literários, rascas, eruditos, 'you name it'. Alguns são excelentes (sendo que a palavra 'alguns' equivale,

neste universo, a umas boas dezenas), outros são apenas razoáveis e muitos não têm qualquer interesse. A blogosfera, no fundo, limita-se a reflectir o que acontece em qualquer outra actividade humana. É a velha história da curva de Gauss: impera a mediania, rareia a excelência. Como em tudo. Sejamos honestos: ninguém deixa de ouvir os cantores de qualidade só porque sabe que existem os pimbas, pois não?

Em meio à profusa e excitante oferta, há os que diante dela hesitam, confusos sobre as qualidades do meio. Este é o caso da escritora e designer Ana Peluso, que em março de 2007 escreveu no site literário *Cronópios*¹:

E aí, em dado momento do passeio a barco nesse mundo que nem de ar é feito, se pergunta para onde tudo isso vai. Qual será o futuro da literatura feita hoje em Blogs, daqui há dez, vinte anos? Menos, até. Cinco. Dois. Seremos tantos, seremos muitos, inúmeros, incontáveis? Já somos? Já, já somos. E ainda: conseguiremos passar nossos sinais à frente, ou alguém pode repassá-los em nosso(/noutro) lugar, e isso sequer ser notado?

Hoje, lança-se um Blog como se lança um livro. Ou até mais. Acredito que infinitamente mais. Se isso é ruim? Claro que não. Isso, por um lado, é o que de melhor aconteceu para a literatura, para as artes, para qualquer tipo de expressão. Isso fez com que o concretista do sudeste conhecesse o cordelista do centro-oeste, tendo, ambos, como recurso extra, a opção de comentarem publicamente o que pensam, respectivamente, a respeito de suas obras. [...] Nunca se viu tanta interatividade. E ao mesmo tempo, tanta dispersão.

Além da profusão, o que se observa na produção de textos literários no ambiente virtual é que os autores têm explorado a web como plataforma de apresentação de portfólios, caderno de exercício ou espaço para diálogo com leitores, no qual, em se exibindo, é possível ao autor estabelecer rede variada de trocas. Neste caso, para escritores, a web tem se restringido quase exclusivamente a um meio de comunicação e publicação, um suporte alternativo às revistas e livros, quando em outras vertentes artísticas, como no caso da *web art*, os artistas se apropriam dos recursos tecnológicos, criando obras que não fariam sentido, ou sequer existiriam, fora do ambiente virtual. Percebemos que os blogueiros literários, até o momento da feitura deste trabalho, pouco se apropriavam das possibilidades tecnológicas do meio, mostrando-se mais adaptados à nova mídia que proponentes de linguagens textuais específicas para ela. Usar recursos como fotografia, áudio e vídeo em blogs — prática hoje recorrente — não significa uma renovação ao campo literário, mas a aplicação de recurso comum, por exemplo, ao jornalismo eletrônico. Apesar desta ponderação, observamos aspectos que, tornando-se recorrentes na produção literária na web, acabam por indicar caminhos de renovação da linguagem literária a partir das demandas específicas do ciberespaço.

¹ *A Literatura nos Blogs — O hiper-modernismo já chegou* (<http://www.cronopios.com.br/site/internet.asp?id=2265>), retirado em 03/11/08.

Os Wunderblogs

Nutridos pelos conteúdos até aqui tratados, buscamos agora focar os textos produzidos pelos autores do www.wunderblogs.com, selecionados para edição no livro *Wunderblogs.com*. Em suas 300 páginas, estão reunidos posts de 11 autores: Alexandre Soares Silva, Felipe Ortiz, Marcelo De Polli, Daniel Pellizzari, Fabio Danesi Rossi, Juliana Lemos, César Miranda, Radamanto (Alex Cristiano Baldin), Ruy Goiaba, Mozart e Dante Gabriel Rossetti (estes três últimos, pseudônimos). Cada um deles responsável por um dos blogs reunidos no portal Wunderblogs. À época do lançamento do livro, em meados de 2004, eram estes os autores reunidos no portal; um ano depois, eram 23 os hospedados, em 2008, o coletivo deixou de existir.

Wunderblogs.com foi o primeiro livro lançado no Brasil sobre blogs de conteúdo que podemos chamar amplamente de 'literário'. À época, nem mesmo livros técnicos, teóricos e jornalísticos sobre o tema facilmente encontrados. Na orelha que escreveu para o volume, a editora Isabella Marcatti testemunha sobre sua falta de informação sobre o assunto:

“Em que mundo você vive?”, perguntou-me a blogueira sem esconder sua indignação quando admiti que não, não costumava dedicar horas diárias à leitura dos meus blogs favoritos e à redação de comentários sobre os posts. Eu nem tenho blogs favoritos. Aliás, há poucos meses, nem sequer sabia o que eram posts — e da existência de blogs tinha uma vaga idéia. No mundo onde eu vivo, se quero informação, recorro, com a dose de desconfiança que me parece adequada, aos jornais; se quero ficção, tenho os clássicos, os contemporâneos da literatura universal e até mesmo autores recentíssimos, todos impressos em livros. Por que cargas d'água eu perderia meu tempo lendo as opiniões de jovens desautorizados sobre os mais diversos assuntos?

Mais adiante, no mesmo texto, a editora rende-se ao carisma dos autores, chamando-os de 'contrabandistas', pois lhes atribui o poder levar ao ambiente virtual valores que antes apenas reconhecia nas obras impressas. Ela lembra que a boa apreciação de um texto deve abandonar juízos morais apriorísticos e, despindo-se de preconceitos, encontra naqueles blogueiros inteligência e humor radical, além de uma urgência de vida.

Quanto aos autores, eles oferecem pouca informação sobre si mesmos, preferindo manter em seus perfis o tom de pilhéria, o clima paródico e sarcástico que permeia os textos. No capítulo Sobre os Autores, os onze blogueiros escrevem uns sobre os outros, deixando lacunas a granel para os leitores. Não há indícios de idade e profissão dos integrantes e raras são as informações sobre onde nasceram, formação, profissão, obras publicadas. Alguns se mantêm sob pseudônimos. Mas em matéria publicada no jornal Folha de S. Paulo, em 03/07/04, é informado que entre os autores há paulistas, brasilienses, cariocas, gaúchos, que atuam como escritores, editores, tradutores, jornalistas, arquitetos de informação, bancários e estudantes. Em 2004, as idades dos wunderblogueiros variavam entre 25 e 37 anos.

Empreendemos uma seleção do livro *Wunderblogs.com* em que privilegiamos a divisão por gêneros, indicando diversidade existente encontrada no ambiente virtual. Os textos foram divididos em cinco grupos: poesia, crítica e ensaio, crônica, autobiografia e humor. Diferente foi o critério de organização do livro, onde cada capítulo é dedicado a um autor, com entrada por ordem alfabética, e posts editados em ordem cronológica (de 2002 a 2004).

Cristina Costa afirma que o texto escrito é de longe a linguagem mais importante na rede mundial de computadores, chamando atenção às formas não convencionais que ele assume nos meios eletrônicos (Costa, 2001: 97). Fazendo referência ao que diz Mark Poster, em *The Second Media Age*, a autora afirma que os textos escritos na web são pequenas narrativas (*little narratives*), com características flexíveis, fáceis e rápidas, assim como aquelas encontradas nas informações e avisos dos jogos eletrônicos.

A disputa por tempo e atenção de um público imerso em um universo de informações transforma radicalmente as maneiras de dizer e contar as coisas, tendo especial importância a sociabilidade que a linguagem instaura. Poster diz que as pessoas buscam identificar-se com grupos e com eles interagir, e que o uso de um jargão é parte importante de aceitação nas relações virtuais, o elemento visível das identidades. Idioma, estilo, vocabulário e assunto identificam as comunidades virtuais (Costa, 2001: 98).

Seguindo o raciocínio da autora, encontramos aspectos em comum entre os autores do *Wunderblogs.com* que os identifica como uma comunidade virtual específica, regida por códigos internos de conduta, expressos sobretudo pela linguagem escrita, pela qual os autores se corporificam, visto que não dispõe de gestos, movimentos corporais, tons de voz, olhares que os distingam de tantos outros indivíduos virtuais (Costa, 2001: 98).

Presente, cotidiano, humor, sarcasmo e iconoclastia são características unânimes. Aspectos recorrentes também são a auto-referência, o biografismo e o memorialismo em tom de paródia. Citações literárias e filosóficas, referências ao mundo da história, da psicanálise, da cultura erudita e de massa (chegando ao lixo cultural) estão presentes em vários autores. Alguns se dedicam com talento ao ensaísmo, à crítica literária, à resenha, ao artigo, ao texto opinativo. Com exceção de poucos posts longos, a brevidade é marca desta produção textual, como se os blogueiros soubessem que dispõem de pouco tempo para seduzir o leitor, como se não quisessem enfastiá-lo. Seguindo a cartilha da concisão, César Miranda, autor do blog Pró Tensão, exerce a síntese em *Versos Limpos — Folhas de Árvores e Livros* (p. 196):

*As folhas
Amarelas
Caem.
Quantas
Páginas
Terão
Essas
Árvores?
E as folhas*

*Do meu
Livro,
Darão
Frutos?*

Minimalista, o autor preza por certo formalismo, expresso na disposição do poema, no qual indaga sobre o futuro ou a fertilidade de sua produção. Também ocupado consigo, Mozart — *Dies Irae* não se lança à frente, mas volta ao passado, realizando narrativa de tom melancólico em *Reminiscências*:

Possuía um cão em infância, cocker spaniel que atendia por Bach; não apenas bobo, como cheio de problemas. A família passava por dificuldades financeiras, de modo que chegou o inevitável dia em que papai me informou de que teríamos de nos livrar do infame animal. Muito genial, meu pai não usou termos tais; em vez disso, falou-me que libertaríamos o cão; e, a despeito dos frágeis protestos infantis, lá fomos nós, na estropiada Belina vermelha, rumo à estrada, levando o cão a seu habitat natural. Paramos no acostamento e deixamos o pobre animal numa pequena mata-clareira. Tiramos a coleira, e ele saltou um pouco para lá e cá, atrás de insetos; aparentemente feliz, como papai ressaltou. Despedi-me do bicho, que se aproximara, e fomos para o carro, enquanto ele tornava a saltar. Quando ruidosamente ligamos o veículo, creio que meu cão não entendeu bem o que ocorreria a seguir, pois parou junto ao meio-fio e ficou nos observando partir, parado, com a língua para fora. Ainda correu um pouco em nossa direção, antes que desaparecesse na curva (p. 96).

Usar o espaço virtual para contar histórias pessoais, rememorar, leva-nos de retorno aos blogs como diários íntimos, primeiro *boom* da blogosfera, muito apreciados por adolescentes, que no início dos 2000 infestaram a rede com confissões escritas — a própria Clara Averbuck, anteriormente mencionada, foi signatária desta tendência —, depois transformadas em egolatrias imagéticas, os fotologs (espécie de diários fotográficos). Estes, junto com os diários íntimos, acabaram gerando comunidades de relacionamento do tipo Orkut, Myspace e Facebook, em que se privilegiam perfis e anotações de gostos pessoais que aproximam internautas de geografias as mais variadas (sendo parte dessas comunidades escritas em inglês, reforçando sua natureza transnacional).

Ao analisar o blog como espaço de comunicação e escrita íntima na internet, em que a página/tela em branco é o primeiro interlocutor, Schittine pondera que antigas questões relativas ao diário no papel permanecem no diário virtual, embora ganhem novas perspectivas. Ela se refere à presença, nesses escritos, de pontos como “a memória (imortalidade e permanência), o segredo (o contar ou não a intimidade a um desconhecido), a tensão entre o espaço público e o privado (que vai aumentar com a passagem para a internet) e a relação com o romance (ficção) e o jornalismo (a observação dos fatos)” (Schittine, 2004: 14-5).

É na relação entre literatura e jornalismo que encontramos a crônica nos blogs. A partir dos anos 1990, com o advento da internet e a simultânea redução do espaço editorial nas páginas de jornal impresso, houve a migração da crônica para o ambiente virtual. O que aos leitores de jornal parecia ser o fim da crônica — sobretudo daquela que no Brasil ficou

conhecida como a crônica lírica e memorialística, aos moldes de Rubem Braga —, significou uma ampliação de território para o gênero, no qual surgiu uma nova geração, disposta a observar os fatos e o cotidiano com subjetivismo, oferecendo à leitura uma das melhores qualidades da crônica: o poder de criticar e fazer ver os problemas do presente com humor e leveza, até quando há desencanto. Este é o caso da crônica *The Mind at the End of its Tether* (p. 43-4), de Felipe Ortiz — Alexandrinas, que se detém na poluição sonora crescente nas grandes cidades brasileiras.

Carros velhos, caminhões e motocicletas estouradas passam pela rua sem parar. Reformas para todo lado. Rá-tá-tá-tá de britadeira quebrando o asfalto. Martelos arrebatam ladrilhos, serras cortam aço nas construções das redondezas. Rádios e aparelhos de som ligados nos apartamentos vizinhos, vários, volume alto. Madrugadas de sono interrompidas por hordas de babuínos que saem bêbados, dos bares, a gritar no meio da rua. Telefones, interfones e campainhas cada vez mais estridentes e agudos, que já não permitem mais saber de imediato se tocam no apartamento do vizinho ou no seu. Sirenes: polícia, bombeiros, ambulância. Orangotangos e egüinhas pocotó estacionam seus veículos com as portas abertas, exibindo a potência de seus amplificadores de som, músicas grotescas (nunca vi tocarem Mahler). Os ruídos domésticos, inevitáveis, da máquina de lavar roupa e do forno de microondas. Barzinhos e casas noturnas cheios de gente animada e sem nenhum isolamento acústico. Em qualquer escritório, loja, rua, cinema, teatro, sala de concertos ou igreja toca um celular a cada quinze minutos. E as pamonhas, pamonhas, pamonhas. Uma cidade insuportavelmente barulhenta como esta, em que é impossível ler um livro sem fechar as portas e janelas, está morta para a cultura. Até pode surgir nela um ou outro escritor de primeira, mas será quase invariavelmente um Edgar Allan Poe, um Augusto dos Anjos ou alguma outra expressão melancolicamente refinada de nossos transtornos obsessivo-compulsivos. De São Paulo não sairá jamais um Buffon, um Arnold Toynbee, um São Tomás de Aquino ou qualquer realização intelectual assim disciplinada e ambiciosa, que exija pensamento sistemático, meditação prolongada e cultural geral sólida. O nível máximo de decibéis compatível com esse tipo de empreendimento já foi superado, sem chance de reabilitação. E para cada escritor talentoso que ainda insiste em surgir nesta caixa acústica infernal, irrompem pelo menos cem pagodeiros, grafiteiros e skatistas.

Rir da própria desgraça, do absurdo, rir dos medíocres, dos canonizados, rir de si mesmo e dos outros. O humor faz sucesso na rede. Se pela necessidade de tornar a mensagem convidativa ou o contato com o leitor leve, criando um ambiente descontraído e afinidades entre os internautas, observa-se a constante busca do riso, da gargalhada e da ironia pelos autores de *Wunderblogs.com*. Talvez, o mais esdrúxulo e sarcástico deles seja Ruy Goiaba, que no blog Puragoiaba escolhe como alvo de críticas personagens do mundo cultural e artístico, parodiando-os, como em *Piada & Exegese (2)*:

1. A piada

"Meu bem, lá vem o guarda".

"Guarda".

2. A exegese

• *Gerald Samthos: "A piada é ma-ra-vi-lho-sa, minimalista, um verdadeiro exercício à moda de Samuel Beckett. Vou encená-la como Godot 2 — A Chegada. Esse será o único diálogo entre Estragon e Vladimir — dois mendigos gays — nas quatro horas de duração da peça. Haverá um terceiro personagem, o Guarda, que pode Godot, Deus, Nietzsche, Osama bin Laden, Hélio Oiticica ou o próprio Beckett. Mas tenho certeza de que o público subdesenvolvido do Brasil não vai entender lhufas".*

• *Sigmund Freud: “Scheisse. Se eu conhecesse essa piada, não precisaria ter escrito O Mal na Civilização. Bastaria explicar que o ‘guarda’ é, na verdade, nosso superego”.*

• *Noam Chomsky: “A piada é uma claríssima metáfora do imperialismo norte-americano, que se arroga o direito de agir como ‘guarda’ do mundo e oprimir todos os povos que não se ajustem à sua política externa. Só não vê quem não quer”.*

• *Ary Toledo: “A piada é minha, viu, seu sem-vergonha? Eu contava lá no Sílvio Santos e no meu show Com a Corda Toda. E quem usar sem pagar royalties tem a mãe na zona”.*

• *Baiano Meloso: “Essa piada é linda, um eclipse oculto, uma coisa odara. A primeira vez que a ouvi foi na voz de Luiz Caldas; fiquei tão emocionado que chorei no colo de Bethânia. Faço questão de gravá-la no meu próximo CD, para o qual estou musicando um lindíssimo discurso de Antônio Carlos Magalhães” (p. 216-7).*

É o mesmo Ruy Goiaba quem escreve, em trecho de sua apresentação a Miss Veen (Juliana Lemos), no capítulo Sobre os Autores: “O que nos une é o horror a clichês, preguiça mental e idéias surradas — sejam eles políticos, ideológicos, estéticos ou ‘bloguísticos’. Isso não impede que às vezes eu, por exemplo, pague o óbolo ao deus dos lugares-comuns, malgrado todos os esforços para fugir do caminho mais fácil”. A relação dos blogueiros com seu público não parece com a do crítico distante e severo, mas com o de um grupo de amigos, compadres. Ainda assim, percebe-se a preocupação com a linguagem, temas, conteúdo; em estilo, verve, respondendo às expectativas por eles mesmos criadas. A intimidade com os leitores — passível de verificação post a post pelos comentários a eles anexados² — parece deixar os autores em posição segura e isto os libera para escrever com espontaneidade.

Considerações finais

Incerto projetar o futuro dos blogs literários: se sobreviverão, serão elevados ao status de gênero e canonizados; se serão engolidos por conglomerados de comunicação ou por megaeditoras, perdendo a espontaneidade deste começo do século XXI, transformando-se em pastiches; se cairão no esquecimento. Quem sabe estas não são preocupações de analistas, daqueles que estão olhando o fenômeno de fora? Porque parece que a conduta dos blogueiros é de simplesmente fazer, aproveitar enquanto há tempo e vontade.

O que se pode destacar, neste momento, é a vitalidade desses ambientes que, mesmo com inevitáveis oscilações criativas, expressam o talento de indivíduos dos quais sabemos muito pouco ou quase nada, a não ser o que pensam, sentem e andam fazendo enquanto a vida acontece. Também, que estes cibernautas estão ocupados em trocas diversas. Sim,

² No padrão dos blogs, cada texto postado/editado, é acompanhado de espaço para comentário, situado no seu rodapé. Isto permite que o autor saiba quais assuntos geraram mais reação e interesse nos visitantes, que depositam naquele espaço opiniões, esperando qualquer retorno do blogueiro ou de outros internautas, podendo muitas vezes um post gerar debates e desdobramentos não previstos pelo autor.

porque enclausurados e isolados, comunicando-se através do teclado e da tela luminosa do computador, sem contato corporal, visual, gustativo, eles tecem diariamente uma rede de comunicação, compartilham conteúdos e informações, constituem grupos de afinidades pessoais, ideológicas, artísticas, os quais possivelmente não encontrariam guarida em instituições, clubes, escolas, academias, livros e revistas, lugares onde 'antigamente' literatos e públicos de variadas faturas costumavam se encontrar.

Mas o que blogs tem a ver com a 'realidade' do mundo das letras? Perguntarão alguns. Que 'realidade'? Indagarão outros. O depoimento do coletivo Critical Art Ensemble (2001: 35) ajuda a ilustrar diferentes concepções contemporâneas de 'realidade':

Cartazes, panfletagem, teatro de rua, arte pública — todos foram úteis no passado. Mas como mencionamos acima, onde está o 'público', quem está na rua? A julgar pelo número de horas que uma pessoa comum assiste televisão, parece que o público está envolvido com a eletrônica. O mundo eletrônico, no entanto, não está de forma alguma totalmente estabelecido, e está na hora de tirar vantagem desta fluidez através da criação.

Mesmo entusiasmados com a fluidez e democratização do meio virtual, é necessário que a exaltação seja acompanhada de cautela, para que não ofusque reflexões como a do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que enxerga sob outra perspectiva o ciberespaço e a desintegração de redes tradicionais de socialização, levando em conta os interesses de donos de corporações globalizadas, muitas das quais responsáveis pela circulação de informação na rede mundial de computadores:

Para que o poder tenha liberdade de fluir, o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras, fortificadas e barricadas. Qualquer rede densa de laços sociais, e em particular uma que esteja territorialmente enraizada, é um obstáculo a ser eliminado. Os poderes globais se inclinam a dismantelar tais redes em proveito de sua contínua e crescente fluidez, principal fonte de sua força e garantia de sua invencibilidade. E são esse derrocar, a fragilidade, o quebradiço, o imediato dos laços e redes humanos que permitem que esses poderes operem (Bauman, 2001: 22).

Abordagens que problematizam interesses econômicos e políticos subjacentes no ambiente virtual, embora importantes e pertinentes, não estiveram no foco de interesse deste trabalho. Apenas mencionamos aqui a questão.

Sob esse aspecto, como não se indagar por que um país como o Brasil — onde há um grande número de analfabetos e alfabetizados funcionais, baixo índice de escolaridade e reduzido acesso a computadores conectados à internet — figura reincidentemente em primeiro lugar em pesquisas sobre recorde mundial de tempo na web? Em que proporção isto evidencia uma imensa capacidade comunicativa e o enclausuramento das novas gerações? Estamos conquistando abundância de informação ou uma assombrosa alienação? Estas são perguntas importantes para o presente e para o futuro. É preciso estar atento às polaridades, aos desequilíbrios, a possíveis enganos, à necessidade de ajustes.

O tema aqui tratado está relacionado a acontecimento bastante recente na história, a revolução digital. Como foi dito, nossa proposta não poderia ambicionar cobrir tantos aspectos do assunto, apenas vislumbrar um espaço — a blogosfera — onde as pessoas se permitam simplesmente exercer o prazer da literatura.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- COSTA, Cristina. *Ficção, Comunicação e mídias*. São Paulo: Senac, 2001.
- CRITICAL ART ENSEMBLE. *Distúrbio eletrônico*. São Paulo: Conrad, 2001.
- SCHITTINE, Denise. *Blog: Comunicação e escrita íntima na Internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- VÁRIOS AUTORES. *Wunderblogs.com*. São Paulo: Barracuda, 2004.
- ASCHER, Nelson. *A luta virtual continua*. São Paulo: *Folha de S. Paulo*, caderno Ilustrada, 08/03/2004.
- MACHADO, Cassiano Elek. *Blogs em conserva*. São Paulo: *Folha de S. Paulo*, caderno Ilustrada, 03/07/2004.
- <http://adioslounge.blogspot.com/>
- <http://brazileirapreta.blogspot.com>
- <http://blogger.globo.com/br/about.jsp>
- <http://blog.no.sapo.pt/25momentos/25.htm>
- <http://www.cronopios.com.br/site/internet.asp?id=2265>
- <http://es.wikipedia.org/wiki/Blogosfera>
- http://idgnow.uol.com.br/AdPortalv5/InternetInterna2_220705.html
- http://idgnow.uol.com.br/internet/2007/01/23/idgnoticia.2007-01-23.9123117348/IDGNoticia_view/
- http://ultimosegundo.ig.com.br/paginas/ultimosegundo/blig/blig_us/saiba_como.html
- http://www.blogclipping.blogspot.com/2003_06_01_blogclipping_archive.html#105657911359311614
- http://www.livroskotovia.pt/livros/ensaio/gato_fedorento.htm
- <http://www.tosko.com.br/materias>
- www.blogcasmurro.blogspot.com
- www.quaseescritor.blogspot.com.br
- <http://technorati.com/>
- www.wunderblogs.com